

Jovem Orquestra Portuguesa

Pedro Carneiro, direção

CONCERTO SINFÓNICO

04 de agosto de 2022 · 21h30
Mosteiro de Alcobaca · Cerca

Patrocínio



Programa

Alexandre Delgado (1965 –)

Concerto para Viola

I. Piacevole

II. Leggiero

III. Calmo

IV. Moderato · Tranquillo · Vivo

V. Ad libitum

VI. Lento

VII. Presto

Anton Bruckner (1824 – 1896)

Sinfonia n.º 9 em ré menor

I. Feirlich

II. Scherzo

III. Adagio

Ficha artística

Jovem Orquestra Portuguesa

Pedro Carneiro, direção

Ricardo Gaspar, *viola de arco*

Biografias

Pedro Carneiro

Cofundador, diretor artístico e maestro titular da Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP) e da Jovem Orquestra Portuguesa (JOP, membro da EFNYO).

Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian na Guildhall School of Music and Drama, onde terminou a sua licenciatura com a distinção “Head of Department Award”. Tocou, em estreia absoluta, mais de uma centena de obras, e trabalha regularmente com celebrados instrumentistas, orquestras e compositores. Colaborou ainda com prestigiados instrumentistas e compositores, como os Quartetos Tokyo, Shanghai, Chilingirian, New Zealand e Latinoamericano. Compõe para teatro, dança e cinema. Da sua extensa discografia, destaca-se a monografia de *Xenákis* (2004) e dois discos concertantes no selo germânico ECM (New Series). Premiado no Prémio Jovens Músicos, incluindo Prémio Maestro Silva Pereira (1997); Park Lane Young Artists Auditions (1998) e Prémio da Hattori Foundation for Young Musicians (2001), ambos em Londres; Medalha de Honra da Cidade de Setúbal (2011); Prémio Gulbenkian Arte (2011) e Nomeado Prémio Autores 2016, da Sociedade Portuguesa de Autores, para Melhor Trabalho de Música Erudita, pelo concerto na Konzerthaus em Berlim com a Jovem Orquestra Portuguesa.

A sua extensa discografia (que inclui registos a solo, música de câmara, obras concertantes e improvisação) está disponível em diversas etiquetas discográficas, como a ECM Records, Zíg-Zag Territoires, Rattle, Clean Feed, entre outras.

Ricardo Gaspar

Ricardo Gaspar começou os seus estudos musicais aos 8 anos na FMAC com a Prof. Teresa Beatriz Abreu e o Prof. Ricardo Mateus, tendo-se licenciado em 2012 pela Escola Superior de Música de Lisboa, na classe do Prof. Pedro Muñoz. Em 2014 terminou o Master of Arts (mestrado) na Royal Academy of Music em Londres com o Prof. James Sleigh, sendo-lhe atribuído o DipRAM (performance de excelência no recital final), o Paton Award e o Sir Arthur Bliss Prize. Entre 2009 e 2012 foi bolseiro da Orquestra Sinfónica Juvenil/Fundação EDP tendo-se apresentado a solo com esta orquestra. Como instrumentista de orquestra foi membro da European Union Youth Orchestra, colabora com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, e integrou em 2012/13 o String Scheme da London Symphony Orchestra, trabalhando com Maestros como Vladimir Ashkenazy, Pablo Heras-Casado, Semyon Bychkov, Sir Mark Elder, Gianandrea Noseda, Bernard Haitink e Valery Gergiev. Frequentou ainda cursos e masterclasses de viola com Anabela Chaves, Diemut Poppen, Garth Knox, Igor Sulyga, Thomas Riebl, Yuri Bashmet e Maxim Vengerov, e de Música de Câmara com Pavel Gomziakov e David Finckel. Em 2012 foi vencedor do Prémio Jovens Músicos e do Prémio Maestro Silva Pereira/Jovem Músico do Ano, tendo-se apresentado a solo com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras. Em 2013 participou no 31º Festival de Leiria, interpretando a *Sinfonia Concertante* de Mozart, com Pedro Meireles, o maestro Rui Pinheiro e a Orquestra Gulbenkian e no “Young Europeans Concert” no National Concert Hall em Dublin, tendo interpretado o *Lachrymae* de Britten com a Orquestra da Rádio e Televisão da Irlanda sob a direcção de Jean-Luc Tingaud. Ao nível da música de câmara apresentou-se em recital na Casa da Música do Porto e em concerto no prestigiado Wigmore Hall em Londres como Principal Viola dos Royal Academy Soloists, tendo gravado também com esta formação um arranjo para ensemble de câmara da 2ª *Sinfonia* de Bruckner dirigido por Trevor Pinnock. É membro do Trio Portucalense com o qual ganhou o 1º prémio de música de câmara/nível superior da 28ª edição do Prémio Jovens Músicos em 2014.

Em Novembro de 2014 apresentou-se em recital no 42.º Congresso Internacional de Viola d’Arco, realizado no Porto, e no Verão de 2015 foi tutor de viola da Jovem Orquestra Portuguesa, tendo-se apresentado a solo com a *Sinfonia Concertante* de Mozart nas Konzerthaus de Kassel e Berlin. Em 2016 Ricardo foi premiado no 12º Concurso Internacional de Viola “Lionel Tertis”, na Ilha de Man, colaborou como chefe de naipe na Orquestra de Câmara de Genebra, e participou no concerto do 70º aniversário de Trevor Pinnock, no Wigmore Hall em Londres. Durante os seus estudos foi bolseiro do Santander Universities UK, Helen Worswick Scholarship, Leverhulme Trust scholarship e da Fundação Calouste Gulbenkian, concluindo o seu percurso académico em 2018 na International Menuhin Music Academy na Suíça com Ivan Vukcevic e sob a direcção artística de Maxim Vengerov. Prosseguindo uma forte atividade de música de câmara em colaboração com vários ensembles tanto em Portugal como no estrangeiro, incluindo o Ars Ad Hoc e a Orquestra Sinfonietta de Zurique, Ricardo assumiu desde agosto de 2020 o cargo de chefe de naipe da Orquestra Sinfónica de St. Gallen, na Suíça.

Jovem Orquestra Portuguesa

A Jovem Orquestra Portuguesa (JOP) é a única orquestra que representa Portugal no maior festival de jovens orquestras do mundo.

A JOP assume-se como a seleção nacional de jovens músicos portugueses, entre os 14 e os 24 anos, sem distinção da origem académica ou capacidade financeira, escolhidos em audições nacionais anuais.

Como representante de Portugal na European Federation of National Youth Orchestras (EFNYO), plataforma que reúne as jovens orquestras europeias e de diversos partes do mundo, a JOP tem um papel único como embaixadora da cultura musical nacional e da excelência da juventude portuguesa, na Europa e no Mundo. No seio da EFNYO, os músicos da JOP usufruem do programa de intercâmbio MusXchange, que dá acesso aos encontros Internacionais de jovens orquestras congéneres, tendo já participado em estágios na Áustria, Eslováquia, Espanha, Finlândia, França, Irlanda, Itália, Países Baixos, Reino Unido e Roménia.

Desde a sua admissão por unanimidade, na EFNYO, como membro associado em 2013, e posteriormente como membro efetivo em 2015, que a excelência do seu desempenho artístico e o reconhecimento da sua capacidade organizativa tem levado a JOP a atuações sucessivas nos principais festivais europeus de jovens orquestras.

Destes festivais, destacam-se o Young Euro Classic, em Berlim, o maior Festival de Música do Mundo de Jovens Orquestras, onde a JOP levou obras inéditas de jovens compositores, Mariana Vieira (2017) e João Godinho (2019), premiadas com o European Composer Music Award. Obras encomendadas pela JOP, e preparadas sob a direcção de Pedro Carneiro.

A JOP é muito mais do que uma jovem orquestra. Os seus músicos têm acesso a todo um programa formativo informal, que vai muito para lá do trabalho orquestral. As sessões de Consciência Corporal dão início a cada dia de ensaios, enquanto momento de trabalho básico para a expressividade física, e, especialmente, profilático das lesões dos músicos. As Tertúlias Jopianas constituem momentos de debate e conhecimento com convidados das mais diversas áreas: cidadania, desporto, música e outras expressões artísticas, política e religião.

O trabalho formativo formal, é naturalmente a pedra de toque dos Encontros da JOP. Os Encontros podem ser sinfónicos ou em formato clássico, designando-se habitualmente por Encontros de Natal, Ano Novo, Páscoa e verão. A que se junta a Internacionalização e os encontros com formações mais reduzidas, como é o caso dos Encontros Barroco e Contemporâneo.

As Audições Nacionais Anuais realizam-se no Norte, Centro e Sul. A inclusão nas audições presenciais dos candidatos dos arquipélagos dos Açores e da Madeira poderá ser um dos próximos passos importantes, pois que virão a ter acesso às audições via plataformas online.

A JOP tem um programa de bolsas individuais de apoio financeiro, de modo a assegurar a igualdade de

oportunidades no acesso às suas atividades. Estas bolsas têm vigência durante toda a Temporada (1 ano). As bolsas são atribuídas com base na análise da situação económica e familiar do candidato.

Os membros da JOP podem candidatar-se às bolsas de Monitor JOP, que foram criadas com o objetivo de proporcionar aos jovens uma experiência mais abrangente através da participação em tarefas de organização e produção durante as atividades da JOP.

Ao fim de mais de uma década de atividade, verificamos que os Alumni da JOP, agora profissionais, estão já a integrar algumas das melhores Orquestras Europeias.

Notas de programa

Alexandre Delgado (1965 –) *Concerto para Violeta e Orquestra (2000)*

Alexandre Delgado

A violeta é, historicamente, o coração solitário da família das cordas. Embora o século XX lhe tenha oferecido alguns belos concertos com orquestra, ela ainda é bastante menos conhecida como solista do que o violino ou o violoncelo.

Sendo o meu instrumento, tentei a minha própria vingança ao escrever este concerto. A obra explora a ideia do instrumento “esquisito” que assume inopinadamente o papel de líder e transmite à orquestra as suas próprias idiossincrasias. Pouco a pouco, a violeta contamina os outros com as suas peculiaridades, que se espalham como pequenos bacilos até que a orquestra rodopia sozinha num acesso de múltipla loucura.

A peça desenrola-se em sete andamentos interligados. O primeiro (*Piacevole*) apresenta dois grupos de ideias, o primeiro nas cordas, o segundo nos sopros. Os andamentos seguintes são uma variação/transformação dessas ideias: o segundo (*Leggiero*) usa apenas violetas e segundos violinos; o terceiro (*Calmo*) usa violoncelos em *pizzicato*, trompas e clarinetes. O quarto andamento tem três secções: a primeira (*Moderato*) com fagotes, oboés, contrabaixos e violinos, a segunda (*Tranquillo*) com flautas, clarinetes, trompas e *pizzicatos* e a terceira (*Vivo*) com toda a orquestra, que toca sozinha pela primeira vez desde o início da obra. A violeta fica calada durante este momento de demência, como quem observa um grupo de crianças mal comportadas. Segue-se a cadência (*Ad libitum*), em que a violeta busca de novo a sua essência, convocando os seus demónios e a sua energia oculta. O sexto andamento (*Lento*) traz-lhe dois companheiros de solidão: a poética e lamentosa flauta contralto, o trocista corne inglês; os outros instrumentos vão-se-lhes juntar num assomo progressivo. O sétimo e último andamento (*Presto*) faz uma revisão febril e transformada de todo este percurso. Numa coda sussurrante, é como se todos os espíritos que foram convocados regressassem ao seu reino...

Este concerto foi encomendado pelo Festival Internacional de Música de Coimbra e estreado no Teatro Gil Vicente a 20 de julho de 2000, por mim

próprio como solista, acompanhado pela Orquestra Gulbenkian, sob a direção de Pierre-André Valade. De então para cá seguiram-se execuções com a Orquestra do Conservatório de Maastricht (Países Baixos), a Orquestra Sinfónica Portuguesa (Teatro Nacional de São Carlos), a Orquestra de Extremadura (Badajoz e Cáceres), Orquestra do Norte (Guimarães), a Orquestra Clássica da Madeira (Funchal), a Orquestra Metropolitana de Lisboa (Theatro Thalia) Em 2007, o violetista Jano Lisboa tocou a obra com a Orquestra Gulbenkian, no âmbito do Festival Música Viva.

Aproveitando o primeiro confinamento da era COVID, em abril de 2020 fiz uma versão da obra para violeta e piano (que há muito me havia sido pedida por Ricardo Mateus, para alunos finalistas do Conservatório Nacional). Aproveitei então para fazer uma versão revista e melhorada da partitura orquestral, que irá agora ser ouvida pela primeira vez.

Anton Bruckner (1824 – 1896) *Sinfonia n.º 9 em ré menor para violeta e orquestra (1894)*

Em novembro de 1894, após longos períodos de interrupção, Bruckner terminou o *Adagio*, terceiro movimento de sua última sinfonia, dedicada “ao amado Deus”. Doente, trabalhou ainda dois anos, sem conseguir concluir o *Finale*, deixado sob a forma de múltiplos rascunhos. Alguns compositores propuseram complementações para esse quarto movimento. O tempo, entretanto, consagrou a *Sinfonia* na forma tripartida, finalizando-a com o soberbo *Adagio*, repleto de misticismo. Bruckner sempre compôs “para a glória de Deus” e, sob esse aspeto, sua arte lembra a de Bach e antecede a de Messiaen. “Místico gótico extraviado no século XIX” (nas palavras de Wilhelm Furtwängler), Bruckner criou tanto a missa-sinfonia quanto a sinfonia religiosa. Aos treze anos o compositor perdeu o pai e, na condição de órfão e cantor, foi admitido como aluno no deslumbrante mosteiro barroco de São Floriano, em meio a uma paisagem idílica e obras de arte estupendas dos séculos XVII e XVIII. Bruckner recordaria com carinho esses anos felizes — durante toda a vida permaneceu devotado e submisso aos ensinamentos religiosos dos monges que o educaram e nunca deixou de visitar com frequência o mosteiro, onde buscava serenidade espiritual para compor. Escrita no mesmo tom da *Nona* de Beethoven e do *Requiem* de Mozart, a última sinfonia de Bruckner é seu testamento musical. Os blocos sonoros orquestrais, de colorações diferenciadas, se inspiram claramente na escrita para o órgão, instrumento sacro por excelência. O primeiro movimento, *Feirlich*, misterioso, possui três temas principais, antecidos por longo prelúdio. Após amplo motivo anunciado por oito trompas em crescendo e diminuendo, o tema principal aparece em fortíssimos *tutti* de oitavas descendentes. O lírico e expressivo segundo tema, confiado inicialmente aos violinos em piano, desdobra-se em seguida no trompete. O terceiro motivo temático apresenta dois elementos — um em ré menor, o outro em Sol bemol maior. O

desenvolvimento utiliza todo esse material temático em um contínuo crescendo. Na reexposição, os temas principais aparecem ordenados e, entregues aos metais, adquirem poderosa intensidade. O belíssimo *Scherzo* tem caráter fantástico, vivo. Seu realismo sonoro o difere totalmente dos outros movimentos. A extravagância dos temas, as harmonias inesperadas e a aspereza tímbrica criam uma ambientação apocalíptica. Emoldurado por esse clima aterrador, o contrastante Trio central, lírico e pastoral, parece lembrar um passado para sempre perdido. O *Adagio*, muito lento e solene, possui a estrutura de um rondó, apesar da exposição em forma sonata. Sentimentos penetrantes impulsionam os temas principais e as ideias secundárias, descortinando toda uma vida. As inúmeras citações de motivos provenientes de obras anteriores do compositor — missas e sinfonias — reforçam o clima de recordação e despedida. Após tantas reminiscências, o último *tutti* orquestral abre-se para a eternidade com exuberante sentimento de triunfo e êxtase místico — *Dona nobis pacem*.

Paulo Sérgio Malheiros dos Santos
pianista, musicólogo, professor, autor e radialista



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais do festival.

Consulte a programação completa em www.cistermusica.com

